

MORTE DE BEBÊS ERA PREVISÍVEL

Ex-diretora da maternidade de Roraima onde morreram 34 bebês alertou o governo estadual para as péssimas condições do lugar. Em Brasília, ministros e Congresso brigam por dinheiro: é a crise da saúde pública

São Paulo — O secretário de Saúde de Roraima, Sérgio Pillon Guerra, afirmou ontem que pelo menos 15 dos 34 bebês mortos entre o dia 1º e o dia 23 deste mês no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, em Boa Vista, foram vítimas de infecção hospitalar, contaminados por uma bactéria ainda não identificada. Ontem, ele determinou o fechamento do berçário daquela maternidade e exonerou a diretora do hospital, Odete Irineu Domingues, que foi substituída pela médica Francinéa Rodrigues.

Em entrevista ao jornal *Folha de Boa Vista*, a ex-diretora acusou Pillon Guerra de usar critérios políticos para contratar a empresa responsável pela limpeza do hospital. Disse que o deputado Célio Wanderley, do mesmo partido do governador Neudo Ribeiro Campos, o PPB, é um dos sócio-proprietários da empresa, a *Lucel*, além de irmão do secretário-adjunto de Saúde, Ailton Wanderley.

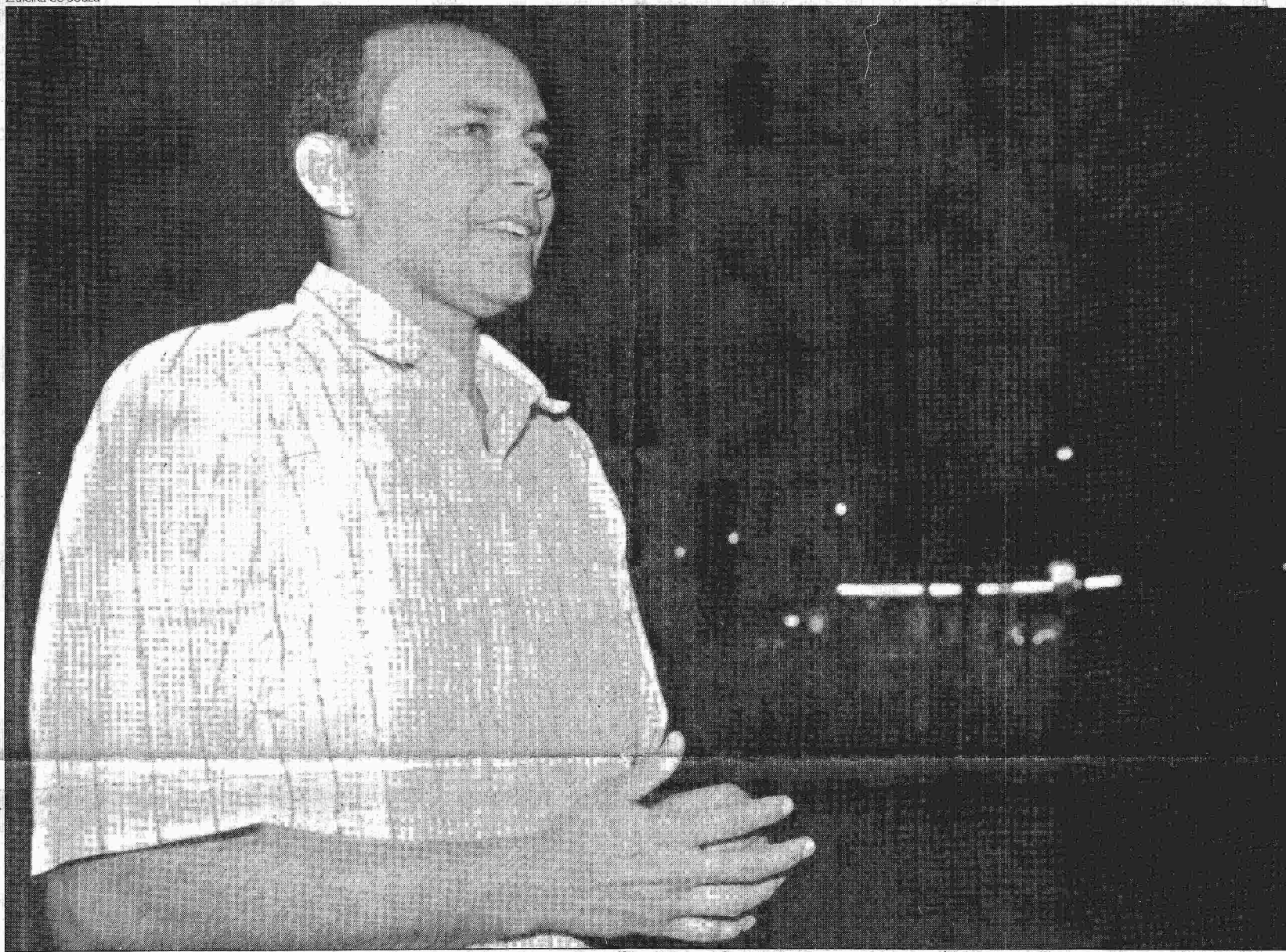
Entre as críticas que fez à *Lucel*, Odete Domingues afirmou que a empresa usava detergente com apenas 2% de teor de cloro na desinfecção, quando o mínimo exigido é 5%. “Mesmo depois de alertarmos para esse aspecto, eles continuaram usando o produto desaconselhado”, denunciou, pedindo a uma assessora para entregar ao jornal de Boa Vista um dossiê de ofícios que mandou para Pillon Guerra, desde o ano passado até este mês, classificando de “caótica” a situação do hospital e alertando que se não fossem tomadas providências “em caráter de urgência urgentíssima”, haveria “risco à saúde dos pacientes”.

INFECÇÃO

Um dos ofícios, de 27 páginas e datado de dezembro de 95, alerta o secretário de Saúde que o lixo do Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré fica exposto permanentemente, colocando em risco a saúde dos próprios funcionários, assim como permitindo a proliferação de insetos. Explica ainda que são necessários reparos urgentes nas redes elétrica e hidráulica e no telhado do prédio, citando goteiras “de grandes dimensões que obrigam a remoção dos berços e estufas (do berçário) para o meio do corredor”.

Em Brasília, ontem, Gladstone

Zuleika de Souza



Gladstone, pai de dois bebês mortos, desabafou ontem à noite em Brasília: “Os médicos não foram sinceros sobre o estado de saúde de minhas filhas”

Leitão e Silva, pai de Lílían, de sete dias, transferida da capital de Roraima para o Hospital Santa Lúcia, foi informado de que o exame de cultura feito em sua filha indicou contaminação por bactéria. Depois de perguntar onde a garota poderia ter contraído a bactéria, ouviu de uma pediatra da UTI neonatal: “No hospital de Boa Vista”.

Segundo a epidemiologista Ana Rita Pederneiras, diretora da Unidade de Vigilância Epidemiológica e Sanitária de Roraima, oito das 34 crianças mortas na maternidade não foram vítimas de infecção, mas nasceram com problemas, em especial peso abaixo de 1,2 kg e de mães com problemas de saúde. A médica diz que nove das crianças mortas já chegaram a Boa Vista em estado crí-

tico, vítimas de infecções contraídas fora daquele hospital.

Ela explicou que o Nossa Senhora de Nazaré tem apenas 178 leitos/dia e realiza cerca de 600 partos por mês, recebendo crianças e parturientes de toda região, inclusive das aldeias indígenas próximas. A médica ressaltou que, apesar das dificuldades materiais e de conseguir pessoal especializado, como médicos e enfermeiras, o hospital tem conseguido manter as condições mínimas aceitáveis. Para ela, o surto epidêmico foi uma lamentável ocorrência, fora da rotina.

CALAMIDADE

“Estamos passando por uma situação de calamidade agravada pelo racionamento de energia elé-

trica imposto pela Eletronorte há 15 dias”, alegou o secretário de Saúde, em entrevista por telefone, salientando que o funcionamento da unidade de neonatologia (maternidade e berçário) do hospital foi transferida para outra ala já desinfetada e que vinha sendo dirigida pela médica Elisabeth Moreira, da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), do Rio de Janeiro.

Pillon Guerra observou que Boa Vista tem contado com apenas seis horas de energia elétrica por dia, fato agravado por defeito no gerador diesel do hospital, obrigando que até partos tenham que ser feitos à luz de velas. Ele lembrou que o armazenamento de determinados tipos de medicamentos tem que ser refrigerado.

O secretário queixou-se ainda de que Roraima recebe verbas insuficientes do Ministério da Saúde, que destina apenas R\$ 611 mil mensais do SUS (Sistema Único de Saúde) para o estado. Dessa quantia, R\$ 370 mil ficam em Boa Vista. “Só com os salários de médicos e enfermeiros gastamos mais de R\$ 2 milhões por mês”, acrescentou.

Ele revelou que por duas vezes este ano Jatene adiou visitas que faria a Roraima, a última delas marcada para quarta-feira passada. Guerra não soube explicar se o cancelamento teria sido provocado pela morte dos bebês. Destacou que o estado precisa de pelo menos R\$ 26 milhões nos próximos três anos para reequipar sua rede de saúde pública.

Hospitais não são controlados

É assustador, mas o Ministério da Saúde não tem controle das condições de higiene dos quase sete mil hospitais conveniados ao SUS. Isso quer dizer que é quase impossível evitar mais tragédias como a da clínica de hemodiálise de Caruaru e a da maternidade de Roraima.

Segundo a chefe da divisão de serviços da Secretaria de Vigilância Sanitária, Mônica Mulser Parada Toxano, a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) é uma obrigação da legislação sanitária. Todo hospital tem que ter. Mas o ministério não sabe dizer se todos os hospitais cumprem a exigência. “A fiscalização é obrigação do Estado. O ministério não tem esse controle, ele dá apoio técnico”, explicou Toxano.

A maternidade do hospital Nossa Senhora de Nazaré não tinha a CCIH. Trinta e quatro recém-nascidos tiveram que morrer para o ministro da Saúde descobrir que o hospital não cumpria a lei.

A divisão de serviços da Secretaria de Vigilância é responsável pela coordenação e supervisão dos trabalhos. Entre essas atividades está a de fiscalizar se os hospitais são equipados com CCIH. Junto com Toxano, só quatro pessoas fazem esse serviço em todo País.